

O Livro É a Voz de Alguém: Uma Experiência de Oficinas de Contos Para Crianças em Situação de Vulnerabilidade

Paula Gus Gomes, Camila Terra Da Rosa, Rafaela Pereira Cohen, Leandro Peratz Gomes

Esse trabalho parte da experiência de construção coletiva de um livro de histórias. Este livro foi construído na oficina de contos da ONG Coletivo Autônomo Morro da Cruz (localizada na periferia de Porto Alegre). O local oferta diversos projetos, dentre esses o Projeto Integração Social - trata-se de um espaço oferecido para crianças e adolescentes no turno inverso da escola. O público atendido se trata de jovens, entre 6 e 15 anos, em situação de vulnerabilidade social. Durante o turno que frequentam o espaço, participam de diversas oficinas.

Esse artigo foi baseado em uma atividade desenvolvida na oficina de contos. A proposta é aproximar as crianças das histórias - sejam elas ficcionais, do território ou até pessoais; neste processo, as crianças são convidadas a participar escutando e também contando as suas narrativas. A oficina de contos passou a existir no coletivo logo antes do início da pandemia. Assim, após poucas semanas de atividades presenciais, nos vimos diante do imperativo de suspendermos os encontros. Assim, as atividades ofertadas pelo Coletivo, passaram ao formato online por meio de um grupo de WhatsApp, através do qual os educandos recebiam vídeos de atividades que correspondiam ao dia da semana e respondiam com as suas produções – dessa forma, abria-se um pequeno espaço de troca, para educadores, educandos e suas famílias.

Por meio do grupo, as crianças conheceram diversos livros e contos da literatura infantil e foram convidadas a utilizar o grupo para contar histórias - desde situações que viveram durante a pandemia, até lembranças da época do presencial ou até casos familiares. Intencionava-se que a oficina, para além de um espaço educativo, pudesse também acolher a fala das crianças e os diversos processos aos quais elas se viram diante ao longo da pandemia.

No início deste ano, percebemos que os educandos estavam cansados dos encontros online - propusemos, então, que pudessem falar daquilo que lhes interessaria fazer na oficina de contos - e foi neste cenário que uma das adolescentes propôs a produção de um livro coletivo. Para a construção do livro, os educandos foram divididos em quatro grupos usando como critério as afinidades de cada educando, bem como a faixa etária. Dentro de cada grupo, os educandos puderam optar por se responsabilizar por uma

das três seguintes atividades: escrita, ilustração ou capa. Ainda assim, a proposta foi de que as histórias fossem elaboradas por todos os participantes de cada grupo - o que foi feito por meio de videochamadas com a mediação da educadora e dos estagiários de psicologia. Desta forma, pretendemos salvaguardar aquilo que interessa a cada um, ao mesmo tempo que apontando para uma construção coletiva.

Desde o início, as narrativas criadas pelos grupos traziam diversos dos impasses que muitos deles viviam (seja em termos de fantasia ou realidade psíquicas) - familiares violentos, pais interesseiros, mães malvadas. Na construção dessas histórias, os educandos se viam convocados a encontrar "finais" possíveis para esses conflitos - o que foi muito potente em termos de elaboração/criação de respostas a estes embates. Ao tocarem em assuntos tão delicados, as crianças, por meio das histórias, discutiam, se opunham, concordavam, mudavam de opinião, se angustiavam se vendo "sem saída" - enfim, criavam possibilidades coletivamente e **brincavam** com a narrativa.

As crianças se viam, assim, não só diante de narrativas que lhes tocaram de alguma forma, mas também diante das propostas dos colegas para lidar com os diferentes conflitos - o que muitas vezes exigia um reposicionamento ou, no mínimo, uma dúvida sobre determinado ponto. Como exemplo, temos uma das histórias, criada por um grupo de meninas que tinham entre 10 e 13 anos. A narrativa trata de uma menina que tem um grande segredo: ela é uma bruxa! Nem o seu amigo mais próximo sabe disso, apesar de estarem sempre juntos. Até que há um problema na cidade: as crianças começam a ser sequestradas... A menina e seu amigo também são alvos do sequestro, mas conseguem escapar - às custas da revelação de seu segredo. A narrativa parecia se encerrar por aí, até que uma das integrantes do grupo questiona: "e não vamos descobrir o culpado?". Outra menina sugere que seja a mãe e já traz uma justificativa: a mãe também é bruxa e sequestrou as crianças para se vingar dos maus tratos que sofreu na cidade. Esta proposta provocou reações diversas - desde empolgação até indignação. Depois de algumas discussões, a proposta da mãe como culpada foi aceita. Mas, na sequência, outro conflito: como finalizar essa narrativa? Cada criança responde, invariavelmente, desde sua posição, mas é no encontro com as narrativas ofertadas pelas colegas que soluções inusitadas podem surgir.

Deste resumo da história, poderíamos propor diversas interpretações, mas hoje gostaríamos de apontar para dois elementos: o brincar e a função do semelhante. Para as crianças, o brincar é algo muito sério e demanda grande investimento em termos de

montantes de afeto. O brincar abre portas para a construção de lugares, histórias e personagens e para criar hipóteses sobre o mundo.

O exemplo clássico da importância do brincar é o célebre *Fort/Da* descrito por Freud no texto *Além do Princípio do Prazer*, de 1920, a partir da observação de seu neto Ernest, de 18 meses, que realizava uma brincadeira com seu carretel quando a mãe se ausentava. O menino jogava o carretel para fora de seu berço, de forma que ele não fosse mais visível e depois o puxava de volta; esse movimento era acompanhado pelas interjeições "ooo" e "aaa", respectivamente, que são lidos por Freud, a partir da fala de mãe de Ernest, como as palavras *Fort* (vai embora) e *Da* (aqui está). O psicanalista propõe que seu neto, por meio da brincadeira, ao encenar o desaparecimento de sua mãe, sai da posição passiva para assumir um papel ativo diante dessa situação de desprazer. O brincar surge como uma forma de elaboração do vivido.

Anterior a este texto, em 1908, Freud pronuncia uma conferência intitulada *Escritores criativos e devaneios*, onde aproxima o brincar da criança da produção literária. Freud propõe que tanto a criança quanto o escritor ajustam o mundo de uma forma que lhe agrade, criando um mundo de fantasias com uma grande quantidade de emoções investidas. Podemos perceber, então, que desde o início da teorização de Freud, o brincar e a produção literária se aproximam pelo fantasiar. Na sequência do texto, Freud nos apresenta algumas relações, na língua alemã, entre o brincar infantil e a literatura poética. Fala em *Lustspiel* que significa, ao mesmo tempo, o gênero literário de comédia e brincadeira prazerosa; bem como *Trauerspiel*, que significa tragédia e brincadeira lutuosa; ainda, *Schauspieler*, palavra usada para designar atores pode ser traduzido, literalmente, por **jogadores** de espetáculo. Isto posto, poderíamos nos perguntar, a partir de Freud: será que não há algo de literário já no próprio ato de brincar? Brincar é, de certa forma, criar uma ficção, operar sobre uma narrativa, aparecer como sujeito diante de um mínimo enquadre.

Parece-nos que a construção da narrativa se aproxima muito da brincadeira. Isso porque entendemos, como Rodolfo, o brincar como uma forma de intervir sobre uma superfície, sobre um texto - assim, elaboramos situações vividas, mas também produzimos marcas que agem sobre o próprio sujeito. Isso se intensifica na brincadeira com o semelhante que, em sua estranheza/extimidade, interroga o sujeito e o faz experimentar outras posições, refletir sobre outras formações discursivas e, quem sabe, dissolver certas cristalizações - como propõe Kupfer, Pinto e Voltolini (2010).

Entendemos que disponibilizar um livro escrito e ilustrado por crianças e adolescentes da periferia de Porto Alegre é fazer suas vozes circularem por lugares onde não costumam estar. A oportunidade de escrever um livro coletivamente carrega também a aprendizagem de estar em coletivo. Ademais, entendemos que, ao brincar, as crianças podem elaborar situações, expressar sentimentos e falar de si; em meio a um contexto de pandemia a necessidade de que as crianças tenham um espaço para isso é ainda maior - e confiamos que construir e narrar histórias é uma das formas de brincar.

Em um contexto rico de afeto, de trocas e criações que articulam as experiências e realidades das crianças com seu potencial criativo e fantasias, as possibilidades que se criam no território transpassam e rompem diversas barreiras e limites. Limites e barreiras que, historicamente, determinaram as formas e projetos de vida distintos no laço social, porém que, a partir de uma perspectiva de clínica ampliada, e uma escuta territorial ampliou-se e se possibilitou que o projeto conquistasse seu espaço e fosse apropriado pelas crianças e adolescentes do morro.

Mais do que uma atividade educativa, a criação e desenvolvimento do livro simboliza o protagonismo e o pertencimento das crianças e jovens do morro, de maneira que colocar o próprio corpo, como escrito por Broide (sem data) cria e entrelaça novos laços e amarrações. Das descobertas subjetivas e singulares, as mudanças coletivas que se implicaram nesse processo, é possível dizer que, aqueles e aquelas tocados ou envolvidos de alguma forma pelo projeto afetaram e foram afetados também.

Por último, o livro possibilitou materializar as diversas produções e aprendizagens que foram construídas ao longo do período de isolamento social. A disponibilização do livro para as crianças/famílias vinculadas ao Coletivo, é uma tentativa de fazer as vozes destas crianças e adolescentes da periferia de Porto Alegre circularem, em outros espaços, reverberando suas potentes narrativas.

REFERÊNCIAS

BROIDE, J. A clínica psicanalítica na cidade. Publicado em:

http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/A%20clinica%20psicanalitica%20na%20cidade.pdf

FREUD, S. Escritores Criativos e Devaneios. In: FREUD, S. **Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1996. (pp. 147 – 158)

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In: **Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996. (pp. 13 – 77).

KUPFER, M. C., PINTO, F. S. C. N., & VOLTOLINI, R. O que uma criança pode fazer por outra? Sobre grupos terapêuticos de crianças. In. M. C. Kupfer & F. S. C. N. Pinto (Orgs.), **Lugar de Vida, vinte anos depois**. São Paulo: Escuta, 2010 (pp. 97-101).

RODULFO, R. **O brincar e o significante – um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce**. Tradução: F. Settinerf. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.